



**Capítulo 3**  
**OUVINDO A VARIAÇÃO,  
ENXERGANDO A PESSOA**  
*Mariana Silveira Ravaza*  
*Gustavo Bluhm e Silva*  
*João Luís Pereira Ourique*

# OUVINDO A VARIAÇÃO, ENXERGANDO A PESSOA

**Mariana Silveira Ravaza**

*Universidade Federal de Pelotas – marianaravaza@gmail.com*

**Gustavo Bluhm e Silva**

*Universidade Federal de Pelotas – gustavo.bluhm.silva@hotmail.com*

**João Luís Pereira Ourique**

*Universidade Federal de Pelotas – jlourique@yahoo.com.br*

## 1. INTRODUÇÃO

O programa Residência Pedagógica tem por objetivo “induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.” sendo nós do núcleo Língua portuguesa da Universidade Federal de Pelotas, temos como maior preocupação questões da língua, como a escrita e a leitura

Na pesquisa para entender os déficits educacionais de língua portuguesa desses alunos, encontramos, em um grande consenso, que a leitura e interpretação eram as maiores dificuldades, os estudantes demonstram níveis rasos de entendimento do texto, subtraem as informações mais pulsantes ali contidas, não entendem os sentimentos e os sentidos subentendidos que carregam as composições, por exemplo, em textos literários. Seria a linguagem o obstáculo maior para isso? E a razão para isso seria que as crianças e pré-adolescentes não tem a capacidade de estimar variedades linguísticas diferentes das deles, sejam variedades mais cultas, como variedades regionais e variedades de épocas diferentes?

Tendo essas percepções e aspirações, buscamos propor um projeto que provesse isso ao oferecer um ensino reflexivo sobre as práticas de uso da língua nas suas interações reais e, ainda, o conhecimento e o respeito aos demais usos de linguagem, principalmente aqueles diferentes das praticadas, habitualmente, pelos

alunos, por isso a Variação Linguística como tema, formulando as aulas em torno de textos com situações reais para que o projeto possa levá-los, além do conhecimento desse fenômeno, à prática dessas duas atividades da língua –leitura e escrita- de modo reflexivo.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) na apresentação das práticas de linguagem da Língua Portuguesa, no eixo de Análise Linguística/Semiótica, defende o ensino da Variação e o debate sobre a valorização e estigma que certas variedades têm sobre outras:

“Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado.” P.81

O documento ampara essa atividade em diversas passagens, desde as habilidades nas práticas de linguagem de cada campo de atuação, até de modo geral, quando enumera dez competências de língua portuguesa para o ensino fundamental e a variação aparece dentre eles: “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.” (ibid., p.87)

Por isso, a dinâmica das aulas deu-se em torno de textos reais de comunicação humana. Para os autores, parte dos pressupostos sobre o conceito de uma boa aula de língua materna, uma aula moderna e relevante aos estudantes, considera o texto como elemento central, seja pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pela Base Nacional Comum Curricular, que o consideram como base das discussões e reflexões acerca da língua, quando diz “Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho” (ibid., p.69), ou por teóricos, como Antunes (2003), que assume, em seu livro *Aula de português*, a “concepção interacionista, funcional e discursiva da língua, da qual deriva o princípio geral de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos.” (P. 42) Concluindo a autora com: “Por isso é que só os textos podem constituir o objeto relevante de estudo da língua”. (p.44) Somam-se a esses, os objetivos específicos do subprojeto (núcleo) de Língua Portuguesa que também prevê a centralidade do texto e, em seguida, fala

sobre a meta de unir o respeito às manifestações de linguagem com os conhecimentos linguísticos para entendimento e interpretações dos textos:

“O subprojeto Língua Portuguesa evidencia que o conhecimento da norma culta permite o trânsito entre diversas linguagens. Procurando aliar o respeito às diversas formas de expressões culturais com as potencialidades que o conhecimento linguístico oferece para o processo de análise e interpretação de textos dos mais variados gêneros”

Conforme o cenário atual da pandemia mundial, para a saúde e bem-estar de todos, os materiais e aulas foram disponibilizadas de forma impressa semanalmente para que os alunos levem para casa, realizem as atividades propostas e os devolvam na escola para a correção.

## 2. METODOLOGIA

O ensino sobre a variação linguística em sala de aula exige do professor, principalmente o de língua materna, entender a diversidade linguística e seus mecanismos no processo educacional. Primeiramente, entender que a língua não é homogênea, ou seja, há variações dentro dela falada pelos falantes e isso acontece por diversos fatores, tudo para haver uma comunicação mais efetiva. Com isso, devemos entender que as diferenças não devem ser vistas como erro, algo que é forte no espaço escolar e em lugares onde o preconceito linguístico é muito presente. Bagno (2002) nos diz que:

“[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos” (BAGNO, 2002, p. 134).

Para o autor, a escola deve e precisa abrir mais oportunidade para todas as manifestações linguísticas, e não se recusar, como fez por muito tempo, a reconhecer essa realidade tangível de variação. A importância dos estudos da heterogeneidade da língua na escola e a responsabilidade de nós professores de transmitir esse conhecimento, visto que o ensino da norma culta há inúmeros defensores, os quais

defendem o ensino da gramática normativa com o intuito de fazer os alunos “escreverem melhor”.

“É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão.” (BAGNO, 2007, p.18)

Com essa afirmativa, a escola deve ter como ponto de partida as variedades linguísticas que os alunos utilizam, incluindo seus contextos sociais. Conforme seja feito esse estudo e inclusão, estaríamos amenizando um dos problemas dos estudos da língua materna, a variação linguística, o que interfere nas relações não só em sala de aula, como as de fora do contexto escolar, e também na qualidade de ensino e saber, o qual deve proporcionar um ambiente rico em aprendizagem significativa aos seus alunos.

É dever do docente acolher os alunos e de cumprir com a tarefa de ensinar, para que o aluno, quando chegue à sala de aula, se sinta valorizado e não discriminado pela maneira que fala, é aí onde surge a importância de trabalhar sobre as variações linguísticas, onde o professor, já previamente, com planejamentos de ensino próprios para proporcionar aulas reflexivas sobre o assunto.

É no ambiente escolar que se deve fazer os discentes possuírem essa consciência de diversidade, levando para eles exemplos da pluralidade da língua, evidenciando a linguagem popular. Propor atividades práticas com a língua, apresentar recursos de comunicação e mais importante, deixar claro que não há uma forma correta de falar, como destaca Bortoni-Ricardo (2004):

“[...] É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas [...]” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 74)

O professor tem que estar ciente de que é de extrema importância que seu trabalho seja lidar com as variações linguísticas e o preconceito linguístico, pois é de suma importância que a escola seja um lugar que evite a discriminação e não consinta à disseminação de preconceitos. Segundo Bagno (2009):

“O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível, no sentido de que quase ninguém fala dele [...] pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, dirá a sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo. ”

Partindo da perspectiva de Bagno e dos estudos de Sociolinguística, entende-se que as variações são “influenciadas” por questões socioeconômicas, regionais, etárias, enfim, em diversos grupos, pois, o Português Brasileiro possui vasta variação de dialetos e, ao contrário do que muitos pensam, não possui uma única feição.

“Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira.” (BAGNO, 2005, p.123)

O estigma relacionado ao falante quando este produz, por exemplo, “flango” ao invés de “frango”, ou “oiando” ao invés de “olhando”, julgando-o como uma pessoa sem acesso à educação formal e sua linguagem considerada errada, feia, quando na verdade, não existe um único jeito de falar, se comunicar, mas sim um jeito diferente do que é ensinado na escola. Ou seja, o preconceito linguístico também é um preconceito social.

## CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Aula	Tema de Estudo	Encaminhamento
1	Panorama histórico da língua	Apresentação dos residentes; apresentação do projeto aos alunos; contextualização da história da língua; aplicação de um questionário norteador.
2	Evolução Linguística	Apontar mudanças e evoluções da língua até o português brasileiro atual.

3	Norma Padrão, Norma Culta e Norma Popular	Esclarecer as diferenças entre as normas; Identificar essas diferenças nas linguagens.
4	Panorama da Variação Linguística	Articular a mudança histórica da língua com a variação linguística.
5	Fatores de Variação	Explicar condições e causas de variação, como: faixa etária, classe social, regionalidade, etc.
6	Variação no Brasil	Traçar a pluralidade das variedades em nosso país.
7	Preconceito Linguístico	Ilustrar a tese do preconceito linguístico; debater algumas das causas desse preconceito.
8	Variedades dentro das normas	Expor as incongruências dentro das normas.
9	Conceitos da Fonologia e Morfologia	Explicar os fenômenos descritos pela fonologia e morfologia ocorrentes na fala.
10	Análise da fala em vídeos	Diferenciar a fala da escrita; Avaliar comunicações discursivas reais da língua.
11	Avaliações e conclusões	Revelação das respostas do questionário da primeira aula e debate com os alunos sobre o que foi aprendido.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Chegando ao fim das atividades propostas ao longo do projeto, aprendemos, refletimos e entendemos muitas coisas além do que havíamos previsto. Desde a elaboração do projeto, ao colocar no papel todas as ideias, até sua finalização.

A ideia de começar um projeto sobre variação linguística começou quando, em uma disciplina do curso de Letras, nos foi solicitado uma elaboração de Plano de Aula voltado à Semiótica/Análise Linguística. O plano ficou tão bom e rico em conhecimento que despertou muito interesse, o que facilitou na hora da escolha para a realização do projeto.

Entretanto, ao nos depararmos com o real, concreto, tivemos várias dificuldades, até porque aplicar uma aula EAD já seria desafiador, agora trabalhar com língua de forma remota seria ainda maior o desafio.

Em relação à aplicação do projeto, na minha opinião deixou a desejar. A escola não nos possibilitou contato com os alunos, com a escola diretamente, sem contar que as aulas foram todas pensadas para a realização delas de forma online, ou seja, através de plataformas digitais com vídeo, como por exemplo o Meet. Porém, o que nos foi passado na verdade foi para que aplicássemos o projeto num “estilo carta”, com materiais impressos. Além de sintetizarmos boa parte do conteúdo, já que a escrita impede certos entendimentos diferentemente da fala, a escola por mais que nos cobrasse os encontros dessa maneira, não possuía materiais impressos suficientes para todos os alunos, o que acarretou também num número menor de retornos.

Mesmo enfrentando algumas dificuldades, o projeto está muito bem embasado, didático, de fácil leitura e entendimento, além de cumprir com todos os requisitos que nós mesmos propomos. Obtivemos os resultados esperados e aprendemos muito com eles, o qual dará uma boa bagagem para a realização de forma presencial pós pandemia.

#### **4. CONCLUSÕES**

Após realizado e colocado em prática todos os estudos linguísticos, conclui-se que, de fato, conseguimos dar conta de questões importante, sobretudo a da possibilidade de estudar uma língua falada por uma comunidade, a partir da análise da fala de algumas pessoas.

Observamos através de análises o uso de variantes, a qual estabelece alguns limites de uma comunidade de fala, estudamos diferentes comunidades e suas comunicações. Entretanto, embora tenhamos respondido algumas questões, temos que reconhecer que elas foram através do nosso próprio ponto de vista. Definiu-se



limites e métodos de trabalho. Entretanto, no que diz respeito ao funcionamento das línguas, ou seja, as relações entre o uso de variantes e fatores sociais, ainda existem muitas questões a serem respondidas. O projeto possibilitou discutir, propor e ilustrar procedimentos metodológicos passíveis de empregona análise da variação linguística e práticas sociais.

Por fim, após o feedback dos alunos e o conhecimento adquirido através do trabalho, concluímos que as variações linguísticas são um instrumento de identidade de um povo e precisa ser mantido vivo pois isso é também uma maneira de manter a cultura viva. A semente foi plantada e certamente eles terão outros olhos quando se depararem com tal assunto.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro, São Paulo, Parábola Editorial, 2012. (p.478)

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002b, p. 134

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Editora Loyola, 48ª e 49ª edição, 2007

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.2018

\_\_\_\_\_, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MECSEF, 1998.

LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em:  
[http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_9\\_entrevista\\_labov.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf)